

## **Afirmar o Diálogo Global num Fórum Político, ou Estoril ao Quadrado**

Jorge Braga de Macedo<sup>1</sup>

Começo por agradecer o convite para apresentar uma nova associação que visa afirmar o diálogo global. As palavras amigas do moderador, colega dos primórdios da Universidade Católica Portuguesa (UCP), tornam presente um passado longínquo de formação e de afirmação do bem comum, justificando plenamente que a instituição anunciada na *Estoril Conference 2015* debute no *Estoril Political Forum 2016*. Esta apresentação da associação registada como *Estoril Institute for Global Dialogue*, seguida de contributos de dois responsáveis executivos da mesma [1, 2, 3], tenta radicar as ações de diálogo global que vinham sendo promovidas desde 2009 com a designação de *Estoril Conferences* numa visão do mundo, sem prejuízo da presunção de que tais ações possam – e até devam - ter raízes múltiplas.

Presumo ainda que as atividades associadas à marca *Estoril Global* mantenham o propósito de melhorar a governação local, nacional e internacional e que avaliem as ações concretas através de uma abordagem interdisciplinar. Inovam, porém, no âmbito, ao preferir exemplos que possam ter relevância para países membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Antes de detalhar esse âmbito original de *Estoril Global* bem como as suas implicações para a abordagem e o propósito da associação, irei animar o currículo que foi divulgado. Posto que muitas outras afinidades se poderiam eleger, a animação revela apenas a do autor, até porque, ao contrário do que era nossa intenção, não houve oportunidade de concertar posições em tempo útil com outros parceiros académicos e até sócios fundadores, que poderão não se rever na “lusofonia global” descrita no texto e nas referências.

### **Motivação e antecedentes**

Num ápice, a minha visão do mundo era norte-atlântica enquanto frequentava a Faculdade de Direito de Lisboa (1966-71), mas incorporou o Atlântico sul quando interrompi o doutoramento em economia nos Estados Unidos (1971-73) para cumprir o serviço militar (1973-75). Regressei de Angola com tenções de regressar à costa leste via Brasil. Porém, fui convidado pelo saudoso Alfredo de Sousa [4] para reger Economia Internacional na UCP e Desenvolvimento Económico na Universidade Nova de Lisboa (UNL, onde ainda então existia o Departamento de Economia que viria a ser Faculdade). Descobri o Pacífico antes de voltar às duas universidades mas, em 1985, Alfredo de Sousa recomendou-me para dirigir o Centro de Sócio Economia do Instituto de Investigação Científica Tropical (CSE/IICT) [5], onde ficaria três décadas. A António Manuel Pinto Barbosa, outro fundador da Faculdade, devo a eleição na Academia das Ciências de Lisboa (ACL) em 1996 [6]. Tinha entretanto passado pela Comissão Europeia, Ministério das Finanças e Assembleia da República. Enquanto Ministro, acordei com o Reitor Manuel Pinto Barbosa a criação de um centro de estudos interdisciplinares alojado na Faculdade de Economia [7]. No início de 2008, mudou de nome para Centro Globalização e Governação (CG&G) e concluiu um memorando de entendimento com IICT e ACL.

---

<sup>1</sup> Prof. Cat e Diretor do CG&G da FEUNL. Agradeço as questões dos participantes na sessão do *EPF 2016* intitulada EIGD, na qual foi apresentada em inglês uma versão resumida deste texto bem como os comentários subsequentes de Luís Brites Pereira, Milton de Sousa e Teresa Violante, sem contudo os responsabilizar pela âmbito das atividades do CG&G nem do EIGD.

Assim passei a participar no *Estoril Political Forum*, onde apresentei Relatórios sobre *Perspetivas Económicas Africanas* que o Centro de Desenvolvimento (DEV/OCDE) começou a publicar com o Banco Africano de Desenvolvimento (BAfD) no início do século [8] e que também me esforcei por divulgar nos países da CPLP, numa iniciativa conjunta do IICT e da Universidade Católica de Angola em 2004 [9]. Em 2015, aquele Instituto Público transformou-se em Unidade Especializada da Universidade de Lisboa mas manteve-se a colaboração com a Faculdade, agora *Nova School of Business and Economics* (NOVASBE), no quadro do *Tropical Knowledge and Management Ph.D.*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) [10, 11, 12].

Numa conversa com João Carlos Espada, por acaso no Clube de Golf do Estoril, surgiu a ideia de esmiuçar durante este prestigioso evento a institucionalização das *Estoril Conferences* - que o Instituto de Estudos Políticos acompanhou desde cedo enquanto parceiro académico. Como as conferências bienais visam promover o impacto local do diálogo global, surge imediatamente a necessidade de perceber a interação, positiva ou negativa, entre globalização e governação, designadamente democrática [13, 14]. Na linha do percurso evocado acima, tal exige uma abordagem interdisciplinar e lusófona à interação entre G&G, que foi objeto de uma comunicação na sessão de 23 de Julho de 2009 da classe de letras da ACL [15]. Estas considerações são decisivas para se definir o âmbito do *Estoril Global* na seção com esse título, depois de adaptar e resumir na seção seguinte a referência citada, com o mesmo título. Antes disso, algumas informações adicionais.

Em representação pessoal da UNL, através do CG&G, fui convidado pelo vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais, Miguel Pinto da Luz, para acompanhar a institucionalização das *Estoril Conferences* de maneira a estas poderem autonomizar-se tanto quanto possível, graças ao alargamento e aprofundamento da rede de parceiros académicos e universitários. Em 19 de Março de 2015, assinei a escritura de constituição do *Estoril Institute for Global Dialogue* em nome do Conselho Estratégico, que tinha como membros Milton de Sousa, da Escola de Gestão de Roterdão, Universidade Erasmo e outros parceiros académicos das *Estoril Conferences*, como o Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Georgetown, representado pelo seu diretor Ricardo Ernst e a Escola de Administração de Empresas em São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, representada pela sua vice-presidente internacional Julia von Maltzan Pacheco. O primeiro membro passou a presidir ao Conselho Directivo, tendo escolhido como vice presidente Teresa Violante, também presente no cartório notarial, ao passo que os dois outros membros do Conselho Estratégico enviaram procuração. Além da anuência do Reitor António Bemsabat Rendas ao meu nome, o novo *dean* da NOVASBE filiou o presidente do Conselho Directivo de *Estoril Global* na NOVASBE pelo que Steef van de Velde, diretor da *Rotterdam School of Management*, passou a representar a universidade holandesa.

### **Sobre a lusofonia global**

A combinação de interdisciplinariedade, lusofonia, G&G reflete afinal a internacionalização da área metropolitana de Lisboa em ciência e tecnologia: uma “Declaração de Lisboa sobre Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Global” foi aprovada em 18 de Setembro de 2008 numa conferência realizada no Centro Científico e Cultural de Macau sob a coordenação de Jean-Pierre Contzen, conselheiro do governo sobre ciência a partir de 1996 e saudosos

confrade da ACL e da Academia Real da Bélgica (ARB) [16]. Contzen refere a importância de indicadores comuns que permitam avaliar o progresso da educação e da pesquisa da inovação, insistindo que este esforço em torno do conhecimento para o desenvolvimento global deve alargar-se a mais entidades.

Assim a Declaração foi alavancada logo em Dezembro em Maputo com a própria CPLP e com o Ministério da Ciências e Tecnologia de Moçambique. Tratava-se de concretizar o “conhecimento mútuo” que a Declaração da Cimeira de Bissau sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio na CPLP visava promover em áreas científicas chave para o desenvolvimento sustentável. Em matéria estatística, salientem-se de novo os Relatórios sobre *Perspetivas Económicas Africanas* do DEV e BAfD [8] bem como os *Encontros de Lisboa* promovidos pelo Banco de Portugal desde 1991, que reúnem os governadores dos bancos centrais africanos da CPLP, juntando-se depois Timor-Leste, Brasil e Macau [17]. O “conhecimento mútuo” é pois um aspeto indispensável da parceria global para o desenvolvimento sustentável entre os países membros [18]. Ou seja, vontade política e recursos financeiros são necessários mas não suficientes para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável aprovados pelas Nações Unidas em 2015. Sem conhecimento mútuo, não existem resultados no terreno que permitam cumprir tais objetivos e que potenciem o valor de todos países da CPLP. Para além do princípio geral da partilha entre os membros, o conhecimento mútuo não pode existir sem colaboração entre cientistas e empresas – mas esta é deficiente em muitos países europeus, o que representa um desafio adicional para a CPLP, já anunciado na Declaração de Lisboa.

Mutualizar o conhecimento passa por uma análise multidimensional de diversos planos e indicadores. De facto, o enquadramento interdisciplinar deve conseguir juntar os vários aspetos específicos da realidade que resultam da reflexão de cada disciplina bem como a forma de os potenciar em países em vias de desenvolvimento. Assim se transforma o conceito de competitividade num conceito político – que como argumentei em co-autoria com Luís Brites Pereira define a forma como uma Nação-Estado é igual, sendo diferente, ou melhor, sendo comparável [19].

Desconstruindo o conceito no caso de Portugal, vem uma combinação de liberdades e de pertenças que tanto pode ser virtuosa como viciosa, sendo que tanto estas como aquelas devem ser complementares para se superar um ciclo vicioso. Assim, a liberdade política e a liberdade financeira não devem ser vistas como conflitantes mas uma ignora frequentemente a outra. Se analisarmos a nossa história desde 1820, verificam-se tantos períodos em que a liberdade política e a liberdade financeira se não compatibilizam como períodos em que se reforçaram mutuamente. Acrescem à liberdade política e financeira das pessoas as suas pertenças e conceções do mundo. Neste ponto, para além da identidade local, tradicional do nosso país, existem, de facto, a europeia e a atlântica, ou lusófona - conforme analisei num livro em co-autoria, cujo título *Bem Comum dos Portugueses* resultou da última conversa com meu pai [20]. Voltei ao tema num contributo em honra do confrade António Dias Farinha, por sinal seu antigo aluno [21].

Relativamente à CPLP os níveis díspares de diferencialidade saltam à vista entre um membro fundador da OCDE, o gigante brasileiro, quatro micro-Estados na África ocidental e central,

dois países da África austral e Timor leste - sugerindo que a métrica não pode ser nem a população nem o PIB, nem sequer o rácio deste com aquela. Por último, existe uma divergência na CPLP derivada da sua dispersão geográfica, sendo que a distância média entre capitais ou cidades principais é de 7200km, quando na Europa dos 27 é de 1400km. Estrategicamente, se perspetivarmos apenas os cinco estados atlânticos da CPLP, esta seria filha daquele oceano, pois passamos a ter uma distância reduzida a metade, havendo inegavelmente, quer histórica quer geograficamente, um elevado potencial. No entanto, para a lusofonia ser global deve olhar para o mundo. Dito de outro modo a globalização liberta a lusofonia [22].

Pelo contrário, a CPLP continuará a ser ignorada enquanto não se compreender que a cultura não é inimiga da economia pelo que a riqueza CPLP está precisamente na sua diversidade dos seus membros e observadores. E, para a gestão dessa diversidade, não basta a aplicação dos recursos financeiros, pelo que se torna imprescindível a existência de confiança e conhecimento mútuo. O multilateralismo baseado na cultura não é um entrave porque os empresários necessitam de conhecimento científico e este só se torna concreto quando mediado na cultura, que facilita a sua mutualização.

### **Âmbito**

Crucialmente, a relevância das ações de *Estoril Global* para os países da CPLP é aferida para além da língua comum. Ou seja, pode resultar tanto de lá terem lugar as ações com relevância para outros países como de ações noutros países terem relevância para a Comunidade. Designo esse âmbito como “lusofonia global”, não apenas por comodidade, mas também por causa da importância que teve o português na primeira globalização, ao contrário da segunda e terceira, veiculadas em inglês. Graças à integração europeia e ao fim da guerra fria respetivamente, a globalização aprofundou-se e alargou-se nos anos 1990 para além do seu berço original no Atlântico Norte. Ainda assim, foi aí que entrou em crise em 2008. *Estoril Global* está focado nas consequências desta “crise de olhos azuis”. Daí a exigência não só de uma abordagem interdisciplinar mas também de um âmbito que vá para além do Atlântico Norte e reflita desde logo as perceções dos outros países da CPLP e das suas zonas de integração regional.

O projeto dito da *Letter to Queen Lusophonia* que desde 2009 envolve sócios das duas classes da ACL, é reflexo dessa exigência, tendo dado lugar a um volume coletivo, cuja 2ª edição foi dedicada à memória do decano da seção de economia e finanças, cujo interesse na crise financeira global sugeriu o mote de “sete anos de pastor Jacó servia” [23]. Aliás, vejo o socorro intelectual do propósito de *Estoril Global* num trabalho que, enquanto presidente do DEV, apresentei na Academia Pontifícia das Ciências Sociais no virar do milénio, é compreender melhor a interação entre G&G. Só assim se consegue ver o desenvolvimento como esperança, chama que julgo ter acendido a Encíclica *Centesimus Annus* [24].

Ter sido nomeado presidente do IICT em 1 de dezembro de 2003, por ocasião da reunião dos Ministros da Ciência e Tecnologia da CPLP no Rio de Janeiro, na qual foi decidido alargar o acesso às Coleções Históricas & Científicas na custódia do IICT, permitiu-me combinar *Science, Business and Culture for Development*. Neste contexto, a crise financeira global não alterou a base do conhecimento e as infraestruturas tecnológicas, pelo que se devem continuar a usar a

ciência e a tecnologia como alavancas, estimulando a inovação local que permita utilizar a capacidade já instalada através de parcerias público-privadas para o desenvolvimento. Estas eram mencionadas na parceria global para o desenvolvimento, único dos Objetivos do Milénio que conta com a iniciativa privada e com a cooperação científica e cultural. Na verdade, a cultura pode alargar o âmbito da interdependência económica para além da comunidade de segurança do Atlântico norte. Assim, as plataformas CPLP vão além da “amizade mútua” citada nos estatutos: sustentam o ciclo virtuoso entre globalização, democracia e desenvolvimento [13, 14]. Mostro a relevância de grupos de países próximos, não só pela geografia e história mas também pelas políticas, como a OCDE. As perceções culturais (que se costuma chamar “tribais”, para vincar a raiz antropológica) têm implicações para a pressão dos pares, sem a qual não há vigilância multilateral que funcione. Importa pois estar atento ao perigo do conhecimento pretensamente aplicável a todas as geografias e culturas, até porque a sensibilidade pessoal aos seus efeitos nem sempre consegue corrigir excessos disciplinares. Assim, as condições de sucesso das plataformas CPLP confirmam que países muito diferentes podem usar a amizade e o conhecimento mútuo, enquanto valor político genuíno, porque o termo global se refere ao facto de nove países tão diferentes terem qualquer coisa a acrescentar em conjunto.

Igualmente, encarar a CPLP como um fórum multilateral capaz de gerir a sua própria diversidade permite lançar alertas quando as relações bilaterais prevalecem sobre uma estratégia comum. A relevância de Portugal como um ponto geográfico estratégico decorre de ser portador de um papel inigualável na projeção da lusofonia. Compreende-se, assim, como é essencial potenciar a História, a Geografia e os dados recolhidos e apresentados para cultivar uma maior atenção das elites empresariais, universitárias e políticas à lusofonia global.

Relaciona-se também a mutualidade do conhecimento com a consciência das empresas portuguesas de que os fenómenos de cooperação, de internacionalização e de desenvolvimento internacional se devem fazer com base em tecnologia e são imprescindíveis para a construir conhecimento mútuo e desenvolver inovação.

Está muito facilitada a comunicação entre pessoas e empresas a nível global e esse facto ilustra a aceleração da interdependência, ou da sensibilidade, das economias nacionais entre si. A interação entre G&G nos membros da CPLP deve assentar na gestão da diversidade relativamente a outros membros de modo a que relações bilaterais e multilaterais estejam alinhadas com a globalização. Seguindo o caminho da diferencialidade política e da cooperação em termos de mercado no plano global e a competitividade interna em termos de mercado aliada a uma cooperação política nacional, os membros podem afirmar o diálogo global.

Estar aberto à globalização é pois o critério para fomentar as zonas de integração económica de Portugal e dos outros oito países da CPLP. Além da União Europeia, estas plataformas da CPLP incluem: Comunidade de Desenvolvimento da África austral para Angola e Moçambique, Comunidade Económica dos Estados da África central para Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe, Comunidade Económica dos Estados da África ocidental para Cabo Verde e Guiné-Bissau, Mercado Comum do Sul para o Brasil, Associação das Nações dos Sudeste asiático - à qual Timor leste está para aderir - e Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a

China e os Países de Língua Portuguesa (Macau). Explorando a complementaridade entre estas plataformas, potencia-se a interação positiva entre G&G na CPLP.

A lusofonia global adquiriu maior visibilidade na sequência do relatório do grupo de trabalho *Internacionalização e Desenvolvimento* entregue ao Primeiro-ministro no Verão de 2011 [25]. A criação do Conselho Estratégico para a Internacionalização da Economia permitiu ultrapassar constrangimentos identificados na atividade das empresas portuguesas nos outros países da CPLP e suas zonas de integração regional através da facilitação de investimentos e comércio, de acordos internacionais, da formação e capacitação e da circulação de pessoas, incluindo esquemas de implementação e monitorização das medidas e sua potencial abertura às respetivas zonas de integração regional. Nesse sentido, os indicadores diferem dos relevantes para a francofonia, por exemplo, que se inscrevia em competição com o inglês, ao passo que o português seria complementar no espírito do conhecimento mútuo. Atente-se que a dimensão cultural sempre mereceu mais destaque na CPLP do que noutras formações de base linguística, como a *Francophonie* e a *Commonwealth*, até por causa da grande diversidade dos países membros e observadores.

O saber tropical, verdadeira linha de força da história diplomática portuguesa, tem sido mais prosseguido por instituições autónomas, civis e militares, do que pela universidade. Assim a Comissão de Cartografia passaria por diversos nomes até adquirir uma missão no quadro da CPLP, sustentada depois da avaliação internacional de 2006. Também se alargou e aprofundou a ligação à ELO. Aliás, a vocação lusófona do IICT foi ao ponto de ter saído da tutela do Ministério da Educação e Ciência em 2011, no sentido de promover a diplomacia científica e a aproximação à universidade. O caminho para a fusão foi facilitado pelos precedentes do Instituto de Tecnologia Nuclear e da própria Universidade Técnica de Lisboa. A garantia da marca IICT consta dos estatutos da nova ULisboa e permite preservar a relevância junto da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação (SENEC). Para além dos prédios, das coleções e das pessoas, será graças à sua característica de linha de força da história diplomática portuguesa que o saber tropical do IICT tornou credível a aproximação à universidade no inverno de 2012 quando era SENEC Luís Brites Pereira e a consumou no verão de 2015 com Luís Campos Ferreira no cargo. Três Luíses, contando com o que reinava em 19 de Abril de 1883 e consagrou a cidade sede do *Estoril Global* [10].

Em conclusão, num mundo com concorrência à escala global, a lusofonia deve projetar esses países e comunidades em direções comuns, tornando-se um desígnio nacional em todos eles, na linha do que Antoine de Saint-Exupéry escreveu em *Terre des hommes*, 1939: “aimer ce n’est pas se regarder l’un l’autre, c’est regarder dans la même direction” [18].

### **Seguimento e *Happy ending***

Como anunciado por Milton de Sousa nas *Estoril Conferences 2015*, *Estoril Global* deve evoluir em 2017 para servir de ponte a numerosas atividades em Cascais, desde um *Boot Camp*, ao *Horasis Global Meeting*, um *Youth Summit*, etc. [1]. Sem prejuízo da flexibilidade do desenho institucional, para maximizar o impacto do conhecimento promovido pelo instituto, combinamos que, em vez de comentarem as minhas posições, os dois executivos iriam projectar o futuro, não só as *Estoril Conferences 2017* da responsabilidade de Teresa Violante, autora da proposta temática das migrações e refugiados [2,3 ], mas também de inovações na

governança de *Estoril Global* pensadas por Milton de Sousa para atingir os objetivos sociais [26].

Para manter o ritmo de diálogo ativo, ou até de corrida na ponte, passamos excertos de três vídeos de 2013 [27, 29, 30] e depois o resumo de 2015 ao ritmo de Pharell Williams, cujo *neo soul* permite uma transição suave para o futuro, como resulta da letra reproduzida abaixo.

A narrativa de Frederik de Klerk sobre o fim do *apartheid* começa pelo impacto da segunda globalização, a que chamou “imperialismo e expansionismo europeus”, na consciência nacional de todos povos que habitavam a África do sul, salientando a derrota de kausas e zulus em 1879 e dos boers em 1902, no que chamou “a maior operação militar britânica entre as guerras napoleónicas e a 1ª guerra mundial”. Sem terem sido consultados, dezenas de milhares de sul-africanos combateram na Europa, tendo a 2ª guerra mundial levado ao colapso dos impérios coloniais consumado com a saída de Portugal em 1975. A África do sul tornou-se então o único caso de “white rule”. Disse ainda que a relutância dos *afrikaners* em partilhar a auto-determinação pela qual lutaram durante 150 anos aos sulafricanos negros resultou também do receio que tinham do comunismo internacional e da tentativa de fomentar guerras no terceiro mundo para desafiar o ocidente. A resposta à hiper-globalização que se seguiu à queda do muro de Berlim juntou assim Rússia e África do sul, dois futuros BRICS. Recordo-me de lhes ter querido aplicar os três Ds do 25 de Abril nessa altura, influenciado pelo trabalho no Leste que fiz a pedido de Jacques Delors e que inspirou uma comunicação ao congresso de ELO (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e a Cooperação que ajudara a fundar no CSE em 1986 [28].

O segundo vídeo reproduz comentários de João Carlos Espada à apresentação de Anthony Giddens sobre o recuo da democracia ao nível nacional com a marginalização de parlamentos soberanos e a rivalidade entre os EUA e China e pergunta-lhe bem como a Jorge Sampaio para comentária a conhecida afirmação de Angela Merkel, segundo a qual “o falhanço do euro seria o falhanço da Europa” [29]. Recordo também um contributo mais recente para o debate , sobre a governança da zona do euro que apresentei em seminários na Coreia do Sul e na China, e que reflete propostas portuguesas relativas à sua melhoria [30].

O terceiro vídeo é a resposta enfática do Lorde dizendo-se fortemente pró-europeu, e avisando que é um erro criticar a Europa pelas falhas dos governos nacionais. A falta de confiança e de respeito é maior ainda para estes devido à corrupção mas nem por isso deixa de acreditar na viabilidade da democracia num mundo informatizado desde que se mantenha algum respeito pela tradição. Conclui que não há alternativa para a independência do poder judicial e o estado de direito [31].

O resumo das *Estoril Conferences 2015* ilustra de modo vívido a potência do Estoril ao Quadrado[32]. Só posso deixar aqui a letra: “It might seem crazy what I'm about to say/Sunshine she's here, you can take a break/ I'm a hot air balloon that could go to space/ With the air, like I don't care baby by the way//Because I'm happy/ Clap along if you feel like a room without a roof/ Because I'm happy/ Clap along if you feel like happiness is the truth/ Because I'm happy/ Clap along if you know what happiness is to you/ Because I'm happy/ Clap along if you feel like that's what you wanna do// Here come bad news talking this and that, yeah/ Well, give me all you got, and don't hold it back, yeah/ Well, I should probably warn you

I'll be just fine, yeah/ No offense to you, don't waste your time// Bring me down Can't nothing bring me down/ My level's too high/ Bring me down Can't nothing bring me down I said (let me tell you now)" ...

#### Referências (do autor salvo menção em contrário)

1. Sousa, Milton (2016), "EIGD Sessão de apresentação Conferências do Estoril 2017", Hotel Mirage Cascais 30 de Junho, apresentado em primeira mão no *Estoril Political Forum 2016*
2. Violante, Teresa (2016a), "The Migration challenge", Position paper EC 2017, apresentado em primeira mão no *Estoril Political Forum 2016* e resumido na referência seguinte
3. Violante, Teresa (2016b), "EC 2017", Hotel Mirage Cascais 30 de Junho
4. "Alfredo de Sousa (1931-1994): Economista constituinte", homenagem no dia da NOVA 2014, disponível em [www.jbmacedo.com/pt/pubpt.html](http://www.jbmacedo.com/pt/pubpt.html)
5. "Discurso de Tomada de Posse do Presidente do IICT", in *3 anos pela renovação do Instituto de Investigação Científica Tropical*, organizado por Sofia Lopes, IICT, 2007, pp. 275-7.
6. "Antonio Manuel Pinto Barbosa, Economista e Governante", com Pedro Soares Martínez e Manuel Jacinto Nunes, *Nova Economics Working Paper* nº 577 ver.2, Dezembro 2013
7. "Discurso do Ministro das Finanças por ocasião da assinatura do Protocolo entre o Ministério das Finanças e a Universidade Nova de Lisboa", *Política Económica Global: os primeiros seis meses*, Ministério das Finanças, Maio 1992, pp. 49-57, em [www.jbmacedo.com/pt/governo.html](http://www.jbmacedo.com/pt/governo.html)
8. *African Economic Outlook*, OECD Development Centre and African Development Bank, since 2001, tradução portuguesa parcial a partir de 2007
9. *Parcerias Público-Privadas e Integração Económica na África austral*, organizador (com Carlos Feijó), Actas de conferencia na Universidade Católica de Angola, Luanda 2ª edição revista, Lisboa: IICT, 2005
10. "Prefácio", *131 anos em imagem*, IICT, 31 Julho 2015
11. "Memória de Gago para além das suas políticas", *Nova Cidadania* 59, Verão 2016 (continuação de *Nova Cidadania* 57 adaptando *Nova SBE Working Paper* nº 595, Agosto 2015)
12. "Programa Doutoral em Saber Tropical e Gestão– Lusofonia Global no Ensino Superior", com Bettencourt Capece, Darrell Abernathy e Ana Melo, *A importância da Difusão das Línguas Portuguesa e Chinesa para a Colaboração Académica no Ensino Superior e Promoção do Turismo*, XXIV Encontro da AULP, Macau, RAEM, China, 2014, pp. 285-290
13. "A globalização liberta ou apavora?", *Lucere*, Luanda, Setembro 2014, pp. 147-165 versão aumentada da apresentação nas comemorações dos 15 anos da Universidade Católica de Angola, 26 de Março
14. "Globalisation et Gouvernance tous azimuts", *Actes du colloque "La démocratie, enrayée?"*, Académie Royale de Belgique, 2013, pp. 75-96
15. "Sobre a lusofonia global", comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, sessão da classe de letras de 23 de julho de 2009, no prelo
16. "Jean-Pierre Contzen (1935-2015) Sábio global, militante europeu, combatente belga, nosso confrade", evocação na sessão conjunta da Academias das Ciências de Lisboa, 26 Novembro 2015, disponível em [www.jbmacedo.com/pt/pubpt.html](http://www.jbmacedo.com/pt/pubpt.html)
17. "Lisbon meetings and global lusophonia rising", *25 years of Cooperation among Central Banks*, Banco de Portugal, 2015 pp. 82-84.



18. "Conhecimento mútuo e lusofonia global", *Capital*, Maputo, Outubro 2014
19. "Diferencialidade Portuguesa na Globalização" (com Luís Brites Pereira), *Negócios Estrangeiros*, nº 11.2, 2007, pp. 223-236
20. *Bem Comum dos Portugueses* (com José Adelino Maltez e Mendo Castro Henriques), Lisboa: Vega, 1999, 2ª edição.
21. "Globalização e Governança: uma perspetiva portuguesa", *D'aquém, d'além e d'ultramar Homenagem a António Dias Farinha*, organizado por Francisco Contente Domingues, José da Silva Horta e Paulo David Vicente, volume II, capítulo V, pp. 1771-1804
22. "A globalização liberta a lusofonia", comentário sobre *Strategy for Portuguese-speaking market* por João Araújo e José Tinoco de Figueiredo, Universidade Católica Editora, 26 Setembro 2014, disponível em [www.jbmacedo.com/pt/pubpt.html](http://www.jbmacedo.com/pt/pubpt.html)
23. *Writing to Queens while Crises Proceed In memory of Manuel Jacinto Nunes*, IICT e CG&G, 2ª edição, Abril 2015 aumentada da publicada em *Science in the Tropics: Glimpsing at the past, projecting the future*, organizada por Vítor Rodrigues, Ana Cristina Martins, Maria Cristina Duarte, Maria Otília Carvalho e Luís Frederico Antunes, 2013, pp. 1-33.
24. "Globalisation and Institutional Change: a development perspective", in *Globalisation, Ethical and Institutional Concerns*, organizado por Edmond Malinvaud e Louis Sabourin, Vaticano: Academia Pontifícia das Ciências Sociais, 2001, pp. 223-268.
25. Presidência do Conselho de Ministros, *Relatório do Grupo de Trabalho sobre Internacionalização e Desenvolvimento*, IICT 2011 Setembro
26. Sousa, Milton (2016b), "Estoril Institute for Global Dialogue" apresentação em progresso, Agosto.
27. <http://www.estorilconferences.org/en/archive/2013/speakers/frederik-de-klerk-ec-2013>
28. "As Grandes Mudanças a Sul e a Leste ou Três Ds da África do Sul à União Soviética", *Revista ELO*, nº1 Setembro/Outubro 1990
29. <http://www.estorilconferences.org/en/archive/2013/speakers/jo-o-carlos-espada-ec-2013>
30. Reform complementarity and policy coordination in Europe: a view from Portugal, *Policy Brief* do Center for International Governance Innovation, em revisão
31. <http://www.estorilconferences.org/en/archive/2013/speakers/lord-anthony-giddens-ec-2013>
32. <https://youtu.be/5hYFHb1Y7ew>